

\* \*  
\* .

HOLLANDA, (Sérgio Buarque de). — (Coleção Sérgio Buarque de Hollanda). *História do Brasil 1. Das origens à Independência. Curso moderno*. Formato 19 x 28. Cartonado plastificado. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1971, 155 páginas, 261 Ilustrações e fotografias, 53 Interpretações de texto.

Nunca a expressão “chegou o livro que faltava em nossa estante”, foi tão fielmente empregada.

O Prof. Sérgio Buarque de Hollanda, assessorado pelos professores da Universidade de São Paulo: Carla de Queiroz, Sylvia Barbosa Ferraz, Virgílio Noya Pinto e Laima Mesgravis, entregou ao grande público uma magnífica obra didática para a 1a. série ginasial, abordando das origens à Independência.

A obra é dividida em oito partes:

- I. — Na *Introdução* é dada ao estudante uma iniciação à História — Documentos e datas, explicando “o que é história” e “porque a estudamos”, altamente ilustradas com Rugendas, Bleau, Debret e fotos atuais, despertando desde cedo o interesse pelo espírito do que é clássico e estrutural. Terminando com excelente vocabulário.
- II. — *A era dos descobrimentos* é enfocada por documentos do livro de Marco Polo, carta de Caminha, Relato do Piloto Anônimo. Dá ótima visão sobre a Idade Moderna na Europa e finda como a Geografia ajuda a explicar a História e uma Tabela cronológica.
- III. — *A Exploração e Posse da Terra*, mostra de forma clara as 8 décadas primeiras de nossa história, também documentado pela carta de doação da capitania de São Vicente. Dá visão panorâmica de nossa organização política, religiosa e econômica dos primeiros tempos, documentada por textos do padre Manoel da Nóbrega aos padres Mestre Simão e Miguel de Tórres e ainda Jean de Léry e reprodução de debuxo do padre André Thevet.
- IV. — *A formação territorial brasileira*, estudo de 12 décadas, é mostrado o período de 1580-1700 com o Brasil antes e depois da Restauração de Portugal (D. Sebastião a D. João IV).

Período de profundas modificações, especialmente na Administração da Terra, que é vista através de documental de viagem de Francisco Pyrard de Laval, Atos da Câmara de Salvador, Bahia.

Sob a rúbrica de “defesa da terra” vemos as *incursões* de corsários ingleses, documentada sob a luz da carta de Thomas Cavandish. Não foram esquecidos os franceses e os holandeses.

A cultura e opulência do Brasil, de Antonil e o Capítulo X de Frei Vicente do Salvador ilustram a expansão colonizadora do Nordeste e Norte.

O Capítulo XXXVI da História do Brasil do Frei Vicente do Salvador, a conquista do Centro e Sul do Brasil.

O Prof Sérgio Buarque de Holanda denuncia a revolta de Beckman no Maranhão e o quilombo dos Palmares como os primeiros conflitos internos na colônia provocados por problemas com mão-de-obra, escravos e jesuítas, aponta como documento o Sermão da Epifânia do Padre Antônio Vieira.

No desenvolvimento do Brasil temos o Brasil holandês e o português, visualizado no Capítulo XL de Frei Vicente, dando grande enfoque à cana-de-açúcar. Finda o capítulo com resumo, vocabulário, o que devemos ao negro, o panorama cultural europeu, as manifestações artísticas no Brasil, as quais são cantadas por Gregório de Matos Guerra e Manoel Botelho de Oliveira.

Relaciona a Geografia com a História e publica a tabela cronológica correspondente ao período.

- V. — *A era do ouro do Brasil*. O professor Sérgio Buarque de Holanda teve um cuidado acurado em transmitir cultura, assim, inicia o capítulo com a reprodução da *Bresil cy devant terre de Saint-Croix*, iluminado pelo texto de *Antonil*, 3a. parte, capítulo V.

Fala do desenvolvimento das capitania, em especial das do Sul, das Monções (do qual é mestre e incomparável) das do Norte e Nordeste.

Ampla visão é dada da Administração da colônia na primeira metade do século XVIII, ressaltada por documentação de Taunay in *História da Cidade de São Paulo*.

No sub-título “crescentes conflitos na colônia” é ilustrado pela “Petição de 7 de abril de 1700” fala-nos dos “emboabas”, “mascates”, “Filipe dos Santos”.

Define as fronteiras do Brasil relacionando com fatos da história européia, cuidando com carinho dos tratados de Utrecht, Madri e Santo Ildefonso.

As reformas pombalinas são enfocadas de forma clara e inteligente: Administração da Colônia, o Comércio, o Ensino, a Economia e o transporte. Dá ainda um resumo, um vocabulário, panorama cultural europeu influenciando as manifestações artísticas no Brasil. Fi-

naliza mostrando a forma pela qual a Geografia ajuda a explicar a História, contando com textos de Aroldo de Azevedo e importante tabela cronológica do século XVIII.

- VI. — *A Era das Revoluções*. O Prof. Sérgio dá enfoque muito especial, assim dividindo: *As revoluções nativistas*, onde trata das Inconfidências Mineira e Baiana. Sob a luz documental da Declaração de Independência dos Estados Unidos, carta do Visconde de Barbacena e o manifesto pregado nas casas de Salvador.

A vinda da Família Real é iluminada por texto da Gazeta de Lisboa de 4-12-1807 e a carta de Lord Strangford de 27-11-1807.

Na Administração Joanina é visualizada a abertura dos portos e imigração através da carta régia de D. João ao conde da Ponte e declaração de guerra à França e invasão de Caiena a qual só foi desenvolvida em 1817.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* anuncia a chegada da Missão Artística Francesa de Le Breton.

Dentre as transformações do Brasil sob D. João, a equipe denuncia a conquista da Cisplatina, e a Revolução Pernambucana, que foi um dos primeiros passos para a nossa independência, é vista sob as luzes de um "Manifesto Revolucionário".

A economia brasileira do século XIX é ricamente mostrada através de Koster, Rugendas, Debret, Carlos Julião e texto de Silva Áreas e trecho da *Gazeta de Lisboa*.

Encontramos ainda a Revolução do Pôrto, volta da Família Real, um resumo, vocabulário e o que herdamos dos portugueses, iluminado por Mário de Andrade.

Finaliza o Capítulo com panorama cultural europeu e os reflexos dele nas manifestações artísticas no Brasil.

Merecem destaque dois textos de Hipólito da costa, a Geografia ajudando a explicar a História e uma tabela cronológica.

- VII. — *A Independência*. E' dado à Independência um tratamento especial através de textos a partir do aviso de 28-8-1821, observando de momento as medidas de recolonização do Brasil por parte das Côrtes portuguesas e os reflexos e reações ocorridas no Brasil até 7 de setembro de 1822.

A Independência, as guerras ocasionadas por ela, as dificuldades do reconhecimento, um resumo, vocabulário e tabela cronológica comparando as Histórias do Brasil e a Geral.

- VIII. — Fecha a obra com a vida no Brasil colônia e a interpretação dos 53 textos, distribuídos na obra.

Estão de parabens os estudantes que forem guiados por esta obra e pelo "caderno de trabalhos práticos" que a acompanha, bem como os

professôres, que serão orientados pelo “livro do professor”, no seu manuseio.

A leitura da obra é um prazer, embora travemos conhecimento com um outro Prof. Sérgio, diferente das “monções” ou “razões do Brasil”, de linguajar fácil, sem ser chão, carinhoso, sem entretanto, abandonar sua honestidade de historiados inflexível.

JOSUÉ CALLANDER DOS REIS

\* \*

\*

RICE (C. Duncan). — *Humanity sold for Sugar. The British Abolitionist Response to Free Trade in Slave-Grown Sugar.*

O açúcar brasileiro e a campanha abolicionista inglesa. Foi Eric Williams, quem viu o movimento abolicionista na Inglaterra da primeira parte do século XIX, inspirado menos nos sentimentos humanitários do que nos interesses econômicos de uma classe média industrial adepta do liberalismo comercial e contrária aos plantadores monopolistas das Antilhas Inglesas. Esta tese é parcialmente contestada por C. DUNCAN RICE em “*Humanity sold for Sugar*”, *The British Abolitionist Response to Free Trade in Slave-Grown Sugar*, no *The Historical Journal*, Cambridge, XIII, 3, 1970, 402-418, que examina a atitude dos abolicionistas frente às propostas da década de 1840 para diminuir os direitos sobre importação de açúcar do Brasil e de Cuba. Uma minoria argumentava que pelo comércio livre poderia-se convencer os brasileiros da imoralidade da escravidão. Pelo contrário os mais convencidos abolicionistas opunham qualquer diminuição porque a maior venda de açúcares brasileiros acentuaria a exploração do negro e preferiam preços mais caros e consumo menor. Assim, por causa de seus princípios morais chegavam a preferir por volta de 1843 o monopólio açucareiro de seus inimigos anteriores, os plantadores da Jamaica. Este artigo é de importância primordial para a história das relações entre o Brasil e a Inglaterra.

EDDY STOLS